

Escutando os especialistas: entrevista com professores da educação básica

Ana Cecília Nascimento e Santos¹

Ana Karina de O. Nascimento²

Jordana Gomes Barros³

Lívia Fortes⁴

Luciana Ferrari⁵

Sérgio Ifa⁶

Whéber Kaizer de Freitas⁷

No início da organização deste dossiê temático, pensamos em realizar uma entrevista com pesquisadores especialistas em formação de professores, já que estamos tratando do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e do Residência Pedagógica (RP) cujos objetivos são a formação de professores inicial e continuada, considerando, respectivamente, os estudantes da graduação em Letras e os professores da educação básica e das universidades. Entretanto, em conversa entre os organizadores, sentíamos a necessidade de escutar os especialistas que atuam diariamente no ‘chão da escola’ e que, por muitas vezes, têm suas vozes silenciadas nos debates sobre a educação básica.

Diante disso, convidamos três professores da rede pública de ensino básico que já atuaram ou ainda atuam nos Programas sobre os quais se debruça este dossiê, de três diferentes estados brasileiros: Sergipe, Alagoas e Espírito Santo. Assim optamos por conhecer melhor três diferentes contextos na perspectiva de professores atuantes no Pibid e RP, com quem compartilhamos a autoria dessa sessão de entrevista. São eles: Ana Cecília Nascimento e Santos, professora supervisora do Pibid - Inglês da Universidade Federal de Sergipe desde 2018; Jordana Gomes Barros, professora preceptora do Pibid da Universidade Federal de

¹ Professora da rede pública de educação básica do estado de Sergipe. Supervisora do Pibid desde o edital 2018. E-mail: anaceciliase@gmail.com

² Professora do Colegiado de Inglês do Departamento de Letras Estrangeiras, Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: akcoliveira@academico.ufs.br.

³ Professora da rede pública da educação básica do estado de Alagoas. Email: jordanabarros1@hotmail.com.

⁴ Professora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo e subcoordenadora do Pibid Inglês desde 2018. E-mail: lifortes34@gmail.com.

⁵ Professora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo e coordenadora do Pibid Inglês desde 2018. E-mail: luferrarioliveira2019@gmail.com.

⁶ Professor do curso de Licenciatura Letras Inglês e do programa de pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: sergio@fale.ufal.br.

⁷ Professor da rede pública de educação básica do estado do Espírito Santo e supervisor do Pibid-Inglês Ufes desde 2018. E-mail: wheberkaizer@gmail.com.

Alagoas na edição 2018 e Whéber Kaizer de Freitas, professor supervisor do Pibid - Inglês - Universidade Federal do Espírito Santo, editais 2018 e 2020.

Na entrevista abaixo, o leitor poderá desfrutar de reflexões acerca dos papéis da universidade e da escola na formação de professores e das contribuições dos programas para o estreitamento da distância entre a academia e a educação básica, além de conhecer os desafios e os impactos dos referidos programas para a construção identitária dos docentes. Nas linhas que seguem, apresentaremos, primeiramente, as considerações da Profa. Ana Cecília, seguidas das respostas da Profa. Jordana, finalizando com as reflexões do Prof. Whéber Kaizer. Que vocês tenham uma ótima leitura!

Entrevista 1

Ana Cecília Nascimento e Santos é graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Linguística Aplicada pela mesma instituição e mestre em Letras também pela UFS. É professora de inglês concursada da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (Seduc) do estado de Sergipe desde 2005. Atualmente exerce suas atividades docentes no Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral Duarte. Tem sido supervisora do Pibid Inglês (UFS) desde 2018.

E-mail: anaceciliase@gmail.com

Perguntas

1. A Universidade, em termos gerais, é reconhecida por enfatizar a dimensão teórica da formação do professor ao passo que a escola é reconhecida por enfatizar a dimensão prática. Qual a sua visão sobre isso?

Na universidade, enquanto estudantes de Letras, temos contato com as diversas teorias que norteiam o processo de ensino-aprendizagem. Em todas as áreas que se voltam para a educação, como a pedagogia e a psicologia, ou nas áreas específicas das letras como a linguística e a literatura, aprendemos algo que deveremos levar em consideração quando estivermos em sala de aula. A universidade se torna, dessa forma, o espaço para a discussão, para o pensar sobre determinados assuntos, para o conhecimento das práticas que já funcionaram à luz de teóricos que muito contribuíram para o ensino. Dessa forma, as teorias são postas em destaque e, no mais, podem ser exemplificadas a partir da vivência do próprio professor universitário e das

memórias que os estudantes (agora universitários) trazem do que viveram em sala de aula. No ambiente escolar, por outro lado, quando estamos na posição de professor, podemos nos deparar com a realidade que esse espaço nos apresenta. Percebemos como acontece o processo de ensino-aprendizagem diante de turmas heterogêneas, diante de uma carga-horária extensa com a necessidade de cumprir horários de aulas em diferentes turmas, percebemos as reais dificuldades que temos ao precisar utilizar algum recurso tecnológico diferente do quadro e do giz, conseguimos perceber que nem sempre conseguimos ter resultados satisfatórios com uma abordagem específica, sendo necessário pensar em diferentes alternativas para atingir os objetivos. Vamos entendendo que o trabalho com o ser humano requer muita paciência e habilidades interacionais para que haja um efetivo sucesso. Desse modo, compreendo, sim, que a ênfase percebida na universidade é a teoria e na escola é a prática.

2. Como a relação entre teoria e prática se materializa no Pibid e RP? Comente essa questão tendo como base suas experiências em um desses programas.

No Pibid e no RP, essa relação entre teoria e prática vai acontecer de maneira muito natural e proveitosa. Temos, nesses programas, oportunidades ímpares para os estudantes universitários que querem ampliar seus conhecimentos de forma consolidada e dentro da realidade do chão da escola. Ao iniciarem nesses programas, os estudantes universitários poderão aliar os conhecimentos aprendidos nas salas de aula da universidade aos conhecimentos adquiridos nas salas de aula das escolas de ensino básico. É o momento em que teoria e prática se encontram. Acredito que esses estudantes desenvolvem bastante seus sentidos críticos, pois amadurecem muito mais rápido para o entendimento do que seja o dia-a-dia de um professor, conseguindo observar em que pontos a teoria ajuda no desenvolvimento das atividades e em que momentos é preciso utilizar seus conhecimentos de relações-interpessoais para que possam atingir os objetivos almejados no processo de ensino-aprendizagem. Observando a minha realidade, sou supervisora do Pibid de Língua Inglesa desde 2018. Nesse período, acompanhei um grupo de 10 alunos e agora acompanho um grupo de 8 alunos. Posso perceber o quanto esses alunos, que estão nos anos iniciais de seus cursos universitários, conseguem ampliar suas visões sobre o ensino. Percebo os medos sendo enfrentados, a timidez sendo vencida, o contato deles com as turmas sendo iniciado de uma forma mais segura, pois não há a responsabilidade de ser o professor daquela turma, mas há, ao mesmo tempo, a responsabilidade de realizar um trabalho que ajude no processo de ensino-aprendizagem, com base nas teorias que estão sendo

aprendidas na universidade. Assim, entendo o Pibid como um excelente laboratório, porque encontramos esse espaço de praticar o que foi estudado, avaliar os resultados obtidos, pensar sobre como poderia ser melhor e concluir quais abordagens são mais interessantes de serem utilizadas, como lidar com as diferentes situações que uma sala de aula nos reserva, dentre outros aspectos. De fato, um estudante universitário que participa desses programas concluirá seu curso muito mais preparado para ser professor.

3. Após sua participação no programa RP ou Pibid, quais são os impactos que você consegue identificar em você, na escola e nos alunos?

Após a participação nesses programas, sinto que o entusiasmo em ensinar está aumentando em mim. As idas à Universidade, o contato com os pibidianos, as experiências que realizamos juntos, tudo isso renova as energias de uma professora com 15 anos de carreira. O frescor das ideias trazidas pelos jovens futuros professores aliado às discussões vivenciadas no espaço universitário vão contribuindo cada vez mais para a minha formação acadêmica e ajudando na minha prática diária de trabalho. Na minha escola, também senti esse estado de entusiasmo. A presença dos estudantes jovens, com ideias fresquinhas, vontade de fazer, criatividade a todo vapor e uma vivência de mundo que se aproxima mais da dos estudantes, pela diferença menor de idade, fazem com que haja um entusiasmo maior na escola e, conseqüentemente, nos alunos das minhas turmas que gostam de ter esses novos companheiros nas aulas. Todo o processo é bem interessante e traz bons resultados. Percebi turmas bastante apáticas demonstrando grande interesse em participar das atividades. Percebi alunos decidindo por cursar letras na universidade ao terem esse contato com os pibidianos e por se identificarem com tudo o que iam sabendo sobre o curso. Enfim, são muitos impactos positivos que pude perceber ao longo desse processo e sei que muito ainda perceberei daqui para a frente. A organização, planejamento e execução dos projetos também colaboraram para uma melhoria na escola, gerando recursos materiais que acabam otimizando as aulas de inglês, como foi o caso de uma implantação de uma sala de línguas na minha escola e também da compra de materiais escolares diversos que ajudaram na confecção de todas as atividades que precisamos realizar na edição anterior do Pibid.

4. Quais foram os maiores desafios que você encontrou enquanto participante do Pibid e/ou RP?

Como professora da Rede Básica de Ensino, penso que o principal desafio é conciliar o tempo para as diversas atividades que preciso realizar. Então, acaba sendo desafiador acrescentar uma atividade a mais no dia-a-dia já tão corrido de sala de aula. Também é muito desafiador abrir as portas da sua sala de aula para acolher novas pessoas que, mesmo que não diretamente, estarão ali para avaliar suas práticas diárias e tentar aprender um pouco com o que você tem a passar. Muitas vezes, acabam por enxergar algum erro ou alguma falha que você cometa quando não está num “dia bom”, dentre outros aspectos. Mas esse é um desafio que, ao mesmo tempo, pode ser visto como uma mola propulsora, pois, ao adentrar nesses programas, acabamos por nos motivar a fazer mais e melhor para, também, incentivar esses novos professores em formação. Então, acaba sendo um desafio que pode ser visto como uma oportunidade de superação e constante capacitação.

5. Como a formação de professores se fortalece com o Pibid e RP? Com base nas suas experiências em um desses programas, que sugestões você daria para o aperfeiçoamento dos mesmos?

Através desses programas, os professores conseguem estar em contato com a universidade e com as discussões que acontecem nela. Conseguem ter uma visão mais madura de toda a situação, pois já detém a prática em sala de aula e vão se atualizando com as discussões desenvolvidas na universidade. Dessa forma, seus conhecimentos vão se ampliando e eles vão conseguindo estar em constante processo de atualização e aprendizado. A experiência com os estudantes também é bastante proveitosa, há muita aprendizagem acontecendo em todas as direções nessa interação. Acredito que uma sugestão que eu poderia dar ao programa é que ele pudesse ser estendido a mais estudantes, pois proporciona ao licenciado a oportunidade de ampliar conhecimentos profissionais necessários à vida do futuro professor. Então, quanto mais estudantes puderem ter contato com essa prática, mais estaremos contribuindo para a melhoria da educação no nosso país. O mesmo poderia acontecer aos professores, estendendo a mais docentes a oportunidade de estarem em formação continuada e de poderem contar com a vivência com os universitários que acabam trazendo o novo para a sala de aula.

Entrevista 2

Jordana Gomes Barros é graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal de Alagoas. É professora efetiva de inglês da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC) desde 2014. Atualmente exerce suas atividades docentes na Escola Estadual Professora Aurelina Palmeira de Melo e na Escola Estadual Capitão Álvaro Victor, ambas localizadas na periferia de Maceió. E-mail: jordanabarros1@hotmail.com

Perguntas

1. A Universidade, em termos gerais, é reconhecida por enfatizar a dimensão teórica da formação do professor ao passo que a escola é reconhecida por enfatizar a dimensão prática. Qual a sua visão sobre isso?

Acredito que esse reconhecimento se deve ao fato da universidade se dedicar mais à formação teórica dos discentes. É por isso que o contato com o ambiente escolar é tão importante ainda enquanto discente, pois, na escola, os alunos de graduação terão acesso à prática escolar, ao dia a dia da escola, ao funcionamento do sistema escolar como um todo. Quando isso é feito ainda na graduação o aluno consegue refletir sobre as teorias que aprendeu relacionando com a prática da escola e dialogar suas reflexões com seus professores/orientadores. Isso é excelente, pois o orientador pode despertar no graduando visões e/ou relações mais aprofundadas das teorias com a prática dos seus alunos, o que é ótimo na formação.

No entanto, eu vejo iniciativas tímidas da universidade. Ela pode e deve desenvolver teoria e prática, mas uma andorinha só não faz verão, e o que acontece é que vários professores universitários focam tanto nas teorias que acabamos tendo essa visão da Universidade. Sobre a escola o que acontece é exatamente o inverso temos que estar envolvidos com a prática o tempo todo, a demanda é grande, acabamos sem tempo para nos dedicarmos a estudar novas e/ou outras teorias. Mas é fato que a Universidade pode sim ser o lugar da prática e da teoria e programas como esse do qual eu participei, o Pibid, faz com que a prática chegue até as comunidades levando benefícios diversos, como: 1.a ajuda em monitorar os alunos nas atividades; 2.ideias novas para projetos, a fim de criar uma movimentação motivacional nos alunos; 3.muda a dinâmica escolar beneficiando em diversos setores, no caso da escola a qual faço parte até a biblioteca foi; 4.incentiva o professor a se engajar em pesquisas, entre outras benesses.

2. Como a relação entre teoria e prática se materializa no Pibid e RP? Comente essa questão tendo como base suas experiências em um desses programas.

Acredito que no Pibid e RP a teoria e a prática se encontram sim e de maneira eficaz tanto para o graduando como para o professor da escola, visto que este recebe esse graduando para auxiliá-lo nas observações, pois o professor está repleto de uma prática que vai ajudar nas percepções do graduando e, em contrapartida, recebe informações de teorias mais recentes por estar em contato com um graduando, enquanto aquele por estar na universidade traz consigo as teorias e os estudos mais recentes e na escola tem acesso à prática que ainda está lhe faltando.

3. Após sua participação no programa RP ou Pibid, quais são os impactos que você consegue identificar em você, na escola e nos alunos?

Passei pouco tempo no programa, mas acredito que o que Pibid deixou para mim foi minha reaproximação da universidade, para a escola e os alunos foi a mudança da dinâmica de sala de aula, visto que os alunos apoiavam meu trabalho indo até os meus estudantes tirando dúvidas, explicando determinado assunto, mudando uma rotina de sala de aula que quase sempre é fixa.

4. Quais foram os maiores desafios que você encontrou enquanto participante do Pibid e/ou RP de língua inglesa?

Meu maior desafio foi ter que me organizar dentro dos horários dos graduandos, pois meu horário na escola é vespertino e os alunos iam pela manhã.

5. Como a formação de professores de inglês se fortalece com o Pibid e RP? Com base nas suas experiências em um desses programas, que sugestões você daria para o aperfeiçoamento dos mesmos?

Ela se fortalece principalmente pelo intercâmbio de ideias, teorias, práticas que estão sendo discutidas na universidade e muitas vezes o professor da escola está alheio a elas, mas quando o professor se insere no programa ele, inevitavelmente, vai ter acesso ao que há de mais novo nas teorias da educação e isso acontece tanto pelo contato com o graduando que vem repleto de ideias novas para colocar em prática na sala de aula, como pelo acesso ao professor da universidade que nos traz material de leitura, foi o que aconteceu comigo.

Entrevista 3

Whéber Kaizer de Freitas é graduado em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especialista em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e mestrando em EPT pela mesma instituição. É professor de inglês concursado da Secretaria de Educação do estado do ES desde 2010. Atualmente exerce suas atividades docentes nas escolas Godofredo Schneider e Benício Gonçalves. Tem sido supervisor do Pibid Inglês (UFES) desde 2018.

E-mail: wheberkaizer@gmail.com

Perguntas

1. A Universidade, em termos gerais, é reconhecida por enfatizar a dimensão teórica da formação do professor ao passo que a escola é reconhecida por enfatizar a dimensão prática. Qual a sua visão sobre isso?

Concordo em termos. Quando estava cursando o curso de Letras-Inglês na UFES, alguns professores, além da parte teórica, traziam para a sala de aula trabalhos ou atividades práticas voltadas para a sala de aula, por exemplo, uma professora certa vez distribuiu alguns temas relacionados à questão gramatical e pediu para apresentarmos um trabalho de maneira criativa e inovadora. A formação prática do professor na escola se deve ao fato de que, por mais que a graduação enfatize a prática da sala de aula é no chão da escola que o professor tem a real dimensão de como ela funciona.

2. Como a relação entre teoria e prática se materializa no Pibid e RP? Comente essa questão tendo como base suas experiências em um desses programas.

Durante as reuniões entre supervisores e coordenadores e entre bolsistas e coordenadores no Pibid de Letras-Inglês da UFES há o estudo sobre o Letramento Crítico, que é o arcabouço teórico em que ele é baseado, um momento em que os envolvidos no programa discutem as principais contribuições dessa abordagem e de que maneira ela pode ser desenvolvida dentro da sala de aula da escola pública. Dessa maneira, não só a teoria é trabalhada, mas também a parte prática.

3. Após sua participação no programa RP ou Pibid, quais são os impactos que você consegue identificar em você, na escola e nos alunos?

O impacto do Pibid em mim é que o trabalho colaborativo, por meio da troca de experiências e atividades, deixa o trabalho docente que é muitas vezes solitário e estressante, mais leve e dinâmico. Em relação à escola e aos alunos, receber bolsistas jovens e com vontade de aprender e ajudar traz um ânimo maior para a comunidade escolar, pois significa algo novo à rotina do cotidiano escolar.

4. Quais foram os maiores desafios que você encontrou enquanto participante do Pibid e/ou RP?

Conciliar as funções de professor e as de supervisor já que o trabalho burocrático tem aumentado e o número de turmas para fechar a carga horária de inglês em uma escola também é alta. Além disso, corresponder à altura como supervisor de futuros professores é um desafio que às vezes intimida, já que é uma tarefa de grande responsabilidade.

5. Como a formação de professores se fortalece com o Pibid e RP? Com base nas suas experiências em um desses programas, que sugestões você daria para o aperfeiçoamento dos mesmos?

Creio ser uma via de mão dupla uma vez que tanto supervisores quanto bolsistas por meio da troca de experiências e práticas saem fortalecidos em sua formação docente. Eu não tenho sugestões para o aperfeiçoamento do programa, pois as decisões são sempre democráticas procurando ouvir tanto supervisores quanto bolsistas e o que é possível de se fazer no contexto específico de determinada escola, diferentemente das decisões emanadas por órgãos superiores que são realizadas sem diálogo e sem ouvir as partes diretamente interessadas, sem mencionar que as situações cotidianas no âmbito escolar mudam constantemente.